

Um oásis brilha no deserto. A corte e sua gente

A Cidade é um pouco estranha para quem não a conhece, principalmente para quem chega de avião e vê pela janela seu traçado retilíneo e solitário surgindo repentinamente no vazio deserto do cerrado. Para o governador de Pernambuco, Roberto Magalhães, que parece desprezá-la, ela mais parece um "emirado árabe".

É verdade que, para quem chega de avião, a Cidade é como um brilhante oásis plantado no luminoso deserto do planalto. E ela própria é um avião: seu planejador construiu um eixo e ao longo dele duas asas, a Norte e a Sul. Nestas asas estão as superquadras com seus edifícios retilíneos e simples — uma rígida sinfonia de formas leves e singelas.

Na Asa Norte os apartamentos são confortáveis, embora sem o luxo dos da Asa Sul. Aqui vivem generais, coronéis, professores, profissionais, liberais e os deputados, que geralmente odeiam a Cidade e a conhecem pouco, pois vivem encarcerados

no Congresso, como se este fosse — e quase é — uma outra cidade, ou em seus apartamentos: todos iguais, e com móveis também iguais.

Na Asa Sul, a área mais bem urbanizada da Cidade, muitos dos apartamentos são enormes, duplex, quatro quartos, disputadíssimos. Aqui vivem os superfuncionários de primeiro escalão, assessores de ministérios, dirigentes de empresas estatais. Para morar ali, eles pagam uma taxa simbólica.

No meio do Eixo, a Catedral, belíssimo monumento artístico. Mais adiante, na direção do bico do avião, a Praça dos Três Poderes. Ao centro, o Congresso Nacional. De um lado, o Palácio do Planalto, verdadeiro centro do poder. Do outro, o Palácio da Justiça. No caminho entre as duas asas e a Praça dos Três poderes, ao longo do eixo, a imponente Esplanada dos Ministérios. Naqueles edifícios iguais, retos e envidraçados, encastela-se a poderosa tecnoburocracia.

Fora do traçado do avião, e já saindo da Cidade, na direção áreas bucólicas, cercadas de lindas rodovias que levam ao outro preensíveis gramados, estão as eipaís, estão as Mansões Park Way — baixadas dos países que se fazem onde residem alguns embaixadores representar na Corte, as residências — e enormes chácaras residenciais dos ministros, as residências das em torno de casas que mais parecem autoridades e dos milionários castelos, tal sua fantástica ostentação: os escritórios de lobby — tudo isso não: uma incongruente mas vistosa margens de um tranqüilo lago artimistura dos mais contraditórios estilos arquitetônicos.

A beira do lago, uma região fresca onde um simples terreno pode valer mais de Cr\$ 100 milhões, vem nesta Corte 1.398.625 pessoas — uma casa algo em torno de Cr\$ 1 bilhão, surgiram recentemente e preciso esclarecer que, deste enorme contingente populacional, apenas 313.870 fazem parte da Corte, ou das asas do avião, das margens do lago ou das chácaras.

Os palácios da Corte são habitados por novos ricos, negociantes que enriqueceram ou se tornaram ainda mais ricos à sombra do poder ou a Corte insiste em manter à margem causa dele, como é o caso do consto do poder e do fausto. São cidades tor mineiro Gilberto Salomão, pobres, que nasceram sem planejargueu no Lago um majestoso cenimento, onde vive também grande comercial, onde funciona o resto: parte dos pequenos e humildes servidores Gaf — o preferido da Corte: todos os dias, enfrentam

dificuldades terríveis — principalmente de transporte — para ir à Corte, onde contribuem, com seu trabalho, para a tranqüilidade e o conforto dos cortesãos.

Pouco mais de 20% da população, portanto, vive realmente na Corte. Dos que trabalham, 4,1% recebem mais de 20 salários mínimos, enquanto 21,3% ganham mais de cinco salários mínimos (no País essa média é de 10,9%). Um dado curioso: 54% da população trabalha, quando em qualquer outra cidade do mundo a força de trabalho se situa entre 25% e 28% da população. Pelo menos aparentemente, trabalha-se muito nesta Cidade.

A renda per capita na Corte chega a 4 mil dólares, comparável à dos países mais desenvolvidos do mundo. (Nas cidades-satélites de Ceilândia, Gama e Brasília, as mais pobres, essa renda cai para apenas 500 dólares, inferior à média nacional, que não chega a 900 dólares).

Servem à Corte 43 mil funcionários públicos, mas a maioria deles

não desfruta os privilégios do paraíso. Pois há uma grande diferença em estar junto da Corte e fazer parte dela. Mesmo os felizes habitantes dos limites do avião — aquelas 300 mil pessoas — não podem afirmar, todas elas, que são a Corte.

Elas bem que gostariam de dizer isso, mas sabem que a verdadeira, única, poderosa e brilhante Corte abriga apenas uns 4.000 notáveis: ministros, secretários-gerais de ministérios, assessores, oficiais militares, embaixadores de 78 nações do planeta, quase mil diplomatas com seus cônjuges, os barões da burocracia e os novos ricos.

É uma Cidade segura e protegida: ao longo da saída Sul, alinham-se as barreiras das polícias militar e federal, o Corpo de Bombeiros e a Escola Nacional de Informações. Na saída Norte estão os quartéis: o setor do Exército, o Quartel-General. No Sul os Departamentos Militares. Ainda as instalações da Aeronáutica e da Marinha. Um perfeito cinturão de segurança.

Amanhã: a luta pelos privilégios a solidão do general-presidente